

Kalunga Ano XXV nº 88
Abril/1998 22-24
556

Música de raiz



Marlui: mergulho nas próprias origens "sem paternalismo"

O El Niño ou toda a chuvarada que despençou sobre o Brasil nos últimos meses, inundando cidades e parando uma metrópole como São Paulo, definitivamente, não foi praga de nenhuma tribo indígena, que teria ficado de mal com a civilização branca. Pelo menos no caso brasileiro, não, pois a dança da chuva nunca existiu por essas bandas, conforme atesta

Marlui Miranda, cantora e pesquisadora dos hábitos e da musicalidade dos indígenas brasileiros há mais de 20 anos. Descendente de índios, conforme diz, tanto quanto qualquer brasileiro que nasceu de uma mistura de raças, Marlui decidiu trabalhar com música e, desde o princípio, optou por estudar a musicalidade indígena. Assim, visitar aldeias e conviver com a cultura indígena no

cultura



Marlui Miranda embrenhou-se na floresta em busca das origens da musicalidade brasileira. Temos influência do colonizador europeu e do negro. Mas os índios também contribuíram muito nessa área

seu dia-a-dia tornou-se prática fundamental para o seu trabalho. “Foi um começo complicado porque quase não havia referências desse estilo. O que consegui foram coisas raras, poucos discos etnográficos, a maioria de coleções estrangeiras, com exceção do trabalho feito pelos irmãos Villas-Bôas no Xingu”, recorda.

Durante anos a cantora dedicou-se a resolver questões autorais e de linguagem, ao mesmo tempo em que procurava pessoas interessadas em financiar, acreditando num retorno artístico dessa proposta de trabalho. “A sociedade sempre viu a musicalidade indígena como folclore, algo que se vê e se guarda numa gaveta, o que não é verdade. A música tribal deve ser considerada um

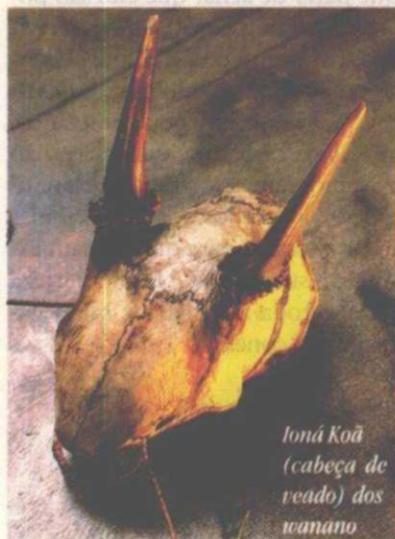
grupo para grupo, mas o sentido dos rituais tem por base os mesmos objetivos. Para os índios, a música, a pintura corporal, a dança, a criação de instrumentos adequados ao ritual são uma coisa só. Além disso, sempre haverá uma razão para o evento, que pode ser a pesca, a festa de nominação, a menina que vira moça, o mutirão de lenha, a colheita, a cantiga de amor, os maus espíritos etc. A organização do evento fica por conta de um maestro, pois a manifestação da música indígena tem forte sentido coletivo.

Para a pesquisadora, as diferenças entre grupos são muito claras, em alguns casos, como por exemplo entre os suruis (RO) e os xavantes (MT). “A música xavante é voltada para uma forma silábica, muito afirmativa e sincronizada, exigindo rígida coordenação vocal. Já a música suruí é heterofônica. Cada um canta a mesma coisa de forma diferente, ou seja, eles exploram ao máximo a potencialidade do aparelho fonador, criam estilos de interpretação”, observa. Na parte instrumental, tambores, flautas, apitos são de grande popularidade entre as tribos, e da mesma forma que nos estilos vocais, também há variações. Quase todo grupo tem um instrumento cujo som se origina pelo processo de vibração, caso das buzinas, que usam uma palheta qualquer num pedaço de tubo.

Pela visão de Marlui, é uma ideia fictícia achar que qualquer um desses grupos nunca tenha sofrido influência de outros povos, ou mesmo a simples troca de informação. “A flauta, por exemplo, acredito que tenha sido trazida pelos europeus, principalmente os jesuítas, que ensinaram os índios a tocar. Há inclusive registros de que alguns índios eram levados à Europa para apresentarem suas habilidades com a flauta”, cita. Por volta do século 17, na região do Tocantins, onde vivem os pacaá novas, existiam muitos qui-



Flauta Apalai (AM)



loná Koã (cabeça de veado) dos wanano

estilo, como os vários que já existem pelo mundo.” Ao todo são 270 grupos indígenas espalhados pelo Brasil, cada um com sua própria língua, seus repertórios, instrumentos e estilos de dança. Desse universo musical, Marlui já teve oportunidade de estudar o trabalho de aproximadamente dez grupos diferentes, embora seja capaz de cantar o repertório de 53. Existem variações musicais de



Espécie de chocalbo para o tornozelo, feito de sementes de jatobá

lombos africanos, o que possivelmente influenciou esses índios na habilidade de tocar tambores, por exemplo. “No Brasil, os pacaas novas são o único grupo que usa a técnica do tambor pana, que são dois troncos cavados como se fossem dois coxos e tocados a quatro mãos”, acrescenta Marlui.

Apesar de ser um universo muito rico, a musicalidade indígena vive numa situação de limite constante, pois em contato com o branco, os sentidos por diversas vezes se perdem. “No início do meu trabalho, uma das maiores preocupações foi justamente procurar uma maneira que não fosse paternalista de me relacionar com os índios. Hoje em dia, está um pouco mais fácil porque eles mesmos estão se conscientizando da importância de não serem tratados como alienados”, avalia Marlui.

Os frutos desses anos de pesquisas foram discos gravados e criação de shows, que a própria Marlui prefere chamar de espetáculos cênicos, devido à complexidade da produção que envolve grande número de artistas. “Tento me aproximar ao

máximo do que os índios fazem. Como a música para eles não é uma arte isolada, é muito importante a participação do maior número de indivíduos nas apresentações”, informa a cantora, estimando em média três anos o tempo empregado na gravação de um disco e a produção de um espetáculo cênico.

Tanto para o processo de composição como de interpretação, o cuidado é extremo. Os músicos, cantores e dançarinos que vão fazer parte do espetáculo são selecionados a dedo por Marlui. “Se meu objetivo é de aproximar o estilo indígena do mundo branco, acho viável o envolvimento de pessoas que queiram realmente conhecer a musicalidade indígena. Quem quiser cantar tem que aprender a técnica vocal deles, e isso exige, entre outras coisas, preparo físico, porque um dos aspectos mais marcantes é a dança”, adverte.

O aval dos índios também tem valor expressivo para a concepção de cada trabalho, porque são extremamente zelosos com a cultura deles. “Eles não chegam a ter ciúme, mas durante a composição ou mes-

mo na estréia de algum trabalho procuro a opinião deles, porque é um patrimônio que eles desejam que seja bem cuidado.”

O grupo de maior expressão que trabalhou com Marlui foi o IHU Todos os Sons. Juntos, fizeram turnê pelo Brasil, além de passagens pelos Estados Unidos, Alemanha e Suíça. “Quanto mais próximos estivermos da globalização, mais as pessoas irão se interessar em saber o que outros povos pensam. Temos que parar de achar que eles são povos primitivos e nós somos os civilizados, o que é balela, pois todos os povos têm suas diferenças culturais. É importante educarmos nossos filhos de forma igualitária, não devemos subestimar a arte e criatividade dos índios e sim respeitá-las e dar abertura para que possam expressar suas idéias. Tenho certeza de que toda a sociedade sairia ganhando”, conclui.

Serviço
Pau Brasil Som e Imagem
tel.: (011)870-2777